

RESENHA DO LIVRO ATRÁS DOS FATOS: DOIS PAÍSES, QUATRO DÉCADAS, UM ANTROPÓLOGO

BOOK REVIEW
AFTER THE FACTS: TWO COUNTRIES,
FOUR DECADES, ONE ANTHROPOLOGIST

Rodrigo Dias*

Referência completa da obra resenhada: GEERTZ, Clifford. **Atrás dos Fatos: Dois Países, Quatro Décadas, Um Antropólogo.** Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

É muito importante que o leitor perceba o contexto de produção de *After the Facts: Two Countries, Four Decades, One Anthropologist* diante da obra de Clifford Geertz como um todo. Publicado originalmente em 1995, vinte e dois anos depois do precursor e imprescindível *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*, de 1973, o livro aqui resenhado mantém uma conexão viva com o que foi uma das mais importantes obras de Geertz. Apesar da distância temporal entre essas obras, os ecos conceituais produzidos na década de 1970 se farão efetivos ainda nos escritos de Geertz na década de 1990.

Diante disso, procurarei demonstrar alguns de seus argumentos que foram retomados em *After the Facts*, traduzido para a língua portuguesa neste ano de 2012 sob o título de *Atrás dos Fatos: Dois Países, Quatro Décadas, Um Antropólogo*. Apontando algumas passagens do livro que, no meu entendimento, parecem relevantes, tentarei explicitar um pouco melhor a concepção de *Antropologia Interpretativa* moldada pelos escritos de Clifford Geertz.

O livro tem como pano de fundo parte da trajetória profissional de Geertz como antropólogo atuando em dois países não ocidentais e expõe alguns aspectos que deixam dúvida sobre a soberania do conhecimento alcançada a partir de algumas formas rígidas de atuação antropológica, principalmente aquelas praticadas por descrever metodicamente todos os rituais de uma sociedade, ainda que não se saiba o significado daquilo. Destarte, o ponto central não é se há ou não a presença de uma faca ou de uma lança em determinada sociedade, como afirma Edward Tylor (TYLOR, 2005). O ponto de Geertz é: qual o sentido da existência de uma faca ou de uma lança em determinada localidade? O que essa lança representa dentro de um contexto local ou mundial?

Geertz ressalta que as concepções presentes neste livro não devem ser seguidas como uma regra metodológica, pois se tratam apenas de suas considerações pessoais, que podem não ser exatas. Para ele, tornar-se um antropólogo não é se inserir em uma profissão já estabelecida, classificada e subdividida, pronta e esperando por um encaixe. A carreira de um antropólogo é construída no decorrer de sua execução, sem receita e, principalmente, sem metodologias engessadas. A carreira antropológica toma consistência mais pelas ocasiões e condições reais da

sua atividade efetivamente realizada do que pelas teorias ou pensamentos abstratos desenvolvidos sobre ela.

O livro também é uma excelente oportunidade para aprofundar os conhecimentos sobre o mundo asiático e norte africano, pois ao usar exemplos de sua estadia na Indonésia e no Marrocos, Geertz nos contempla com explicações categóricas sobre o mundo islâmico, sobre os contornos complicados na relação entre muçulmanos e judeus e sobre como a política é afetada por esses ideais religiosos.

Em determinado momento, Geertz descreve de forma detalhada Sefrou, uma das cidades norte-africanas que visitou no Marrocos. Ele utiliza o conceito de *descrição densa* explicitado em sua obra precursora *A interpretação das Culturas* (GEERTZ, 2008) para contextualizar o seu trabalho de campo e, assim, traduzir todo o esforço intelectual que representa o ofício antropológico que, na opinião dele, vai muito além de levantar genealogias e manter um diário de campo.

Ainda assim, Geertz ressalta que aquelas descrições iniciais sobre as cidades são apenas as suas primeiras impressões, devem ser tratadas apenas como impressões, e nada mais do que impressões particulares, mas isso não significa dizer que devam ser descartadas. Pelo contrário, elas são muito úteis desde que sejam criticadas, desenvolvidas e correlacionadas com experiências mais profundas. Geertz chama a atenção para o próprio termo *fato*, que já é muito delicado, e por este motivo os acontecimentos relatados não podem ser tomados como verdades absolutas, pois os *fatos*, colocados desta maneira, são apenas um produto do relato do antropólogo, construído a partir de imagens encontradas e reunidas pelo caminho por onde este passa. Dessa maneira, representar uma cidade como um drama político ou como uma capital descontraída é uma escolha e define apenas o universo que o antropólogo construiu sobre aquela situação, pois foi ele próprio quem decidiu escrever daquele modo.

O antropólogo é, antes de tudo, um animal amarrado às teias de significado e por isso a descrição antropológica é apenas parte da realidade. É nesse sentido que a cultura pode ser encarada como algo ficcional, pois foi construída e modelada pelo antropólogo que procurou deixá-la coerente no seu relato. Não que a cultura seja falsa, mas o que quer que seja a realidade para além daquilo, esta fica limitada à percepção oriunda de como os relatos foram descritos e pelas palavras que foram escolhidas para a descrição.

Por isso, a crítica de Geertz se concentra na ausência da capacidade de se levar em conta todo um contexto mais amplo. Declarar com exatidão aquilo que um país representa ou caracterizá-lo como uma realidade social a partir de um único relato é muito reducionista. Então o País do Futebol não terá outra prática esportiva? A medicina japonesa será apenas a medicina no âmbito do Japão? Geertz dirá que não. É necessário realizar uma leitura ampliada, penetrável por diversas vias, para suprimir o poder das reduções materiais. Além disso, parece que o antropólogo pode ter chegado tarde demais, assim como também parece ter ido embora muito cedo da sua atividade de campo, sendo capaz de obter apenas visões parciais de um todo muito mais complexo, pois a formação do Marrocos por mais de 11 séculos e os desdobramentos

na Indonésia por outros 15 séculos têm mais a nos dizer sobre a natureza desses dois países do que uma narrativa superficial.

Descrever a cultura não é exibir algum objeto estranho num espaço abstrato e distante da realidade. O problema é que, ao se descrever uma cultura selecionando pequenos trechos reduzidos, de forma a caber numa narrativa, corre-se o risco de realizar um ajustamento dos fatos e acaba-se priorizando a mera descrição quando, na verdade, o desejável era apresentar e contextualizar aquilo que as descrições descrevem. Por exemplo: um antropólogo que observa uma mulher preparando um salmão ao molho de maracujá para o seu marido poderia descrever que a senhora prepara uma refeição para suprir uma das necessidades básicas de sobrevivência de um ser humano e, assim, desconsideraria todo simbolismo amoroso contido na preparação de uma jantar romântico destinado à reconciliação entre os cônjuges, no qual a mulher que prepara o jantar espera agradar infinitamente seu esposo com tal tarefa, e satisfazer a necessidade alimentar pode não ser exatamente o objetivo do ritual.

No exemplo acima, as duas faces da moeda são fatos e podem ser relatados sem problema nenhum, mas é a partir do relato que se cria um sentido para as coisas. No fundo, elas são construções, narrativas sobre narrativas, perspectiva sobre perspectiva. Quando se lê uma etnografia, a leitura realizada é uma leitura de segunda ou até de terceira ordem pois, a rigor, a primeira leitura quem faz é o nativo, pois é a sua cultura. Assim, o que se lê é uma leitura da leitura. Mas esse é um ponto delicado, pois talvez essa ideia de construção não seja bem vista por todos, pois se pode achar que ela impossibilita uma verdade. Mas a cadeira, tal como utilizamos hoje, não é um objeto culturalmente construído ao longo do tempo? Este objeto derivado da madeira ou do minério de ferro, descrito como utensílio destinado a se sentar, não é uma descrição verídica? Pelo menos na sociedade atual, sim. Pode até ser que em algum outro lugar seja apenas um objeto destinado à outra coisa, mas no contexto do século XXI é uma construção verdadeira. As cadeiras servem para se sentar.

Por isso, Geertz enfatiza que é necessário levar em consideração o contexto no desenvolvimento da interpretação antropológica. Para realização da pesquisa de campo não é necessário deixar de lado sua bagagem cultural e ingressar sem configuração em um modo de vida estrangeiro. Na verdade, é uma questão de viver sua existência em duas narrativas de uma só vez. Uma delas como um observador solene e inofensivo em busca de fatos diversos e a outra, menos familiar, de tentar manter-se uma pessoa reduzida e especializada em meio às correntes e contracorrentes mundiais. Você pode tentar se isolar deixando seus interesses dentro de um compartimento hermético, mas isso não será possível. As inquietações não permitem, os contextos precipitam-se sem pedir permissão. Por isso, Geertz ressalta que o importante é o afastamento de uma tentativa de apresentar um modelo de uma história geral sobre a forma pela qual as coisas se desenvolvem. O ideal não é caminhar em direção à verdade ou à *realidade* do fato, mas construí-lo e desconstruí-lo no tempo antropológico.

Por falar em modelo de uma história geral, a ideia de disciplina como um método sistemático ou um conjunto de regras não se encaixa muito bem na Antropologia, de acordo com

Geertz. Sendo ao mesmo tempo tão geral, desenfreadamente ambiciosa e heterogênea, a Antropologia sempre teve uma imagem confusa diante do mundo e até dos próprios antropólogos. De todas as ciências humanas, é a mais dada a questionar a si mesmo, a adiantar respostas que soam mais como visões de mundo em geral ou declarações de fé do que como descrições de um ramo do conhecimento.

Há de se lembrar que os estudos de campo mais clássicos foram realizados em contextos coloniais, onde ser branco e ocidental era algo que conferia certo privilégio. Isso despertou questões sobre o direito dos dominantes de articular as crenças e desejos daqueles que eram os dominados. A etnografia sob este contexto pode ser vista como uma apropriação das vozes dos fracos pelos fortes. Fazendo uma retrospectiva desse drama intercultural, quando determinado Ocidente encontra o Oriente, tornando-se o cerne moral da investigação etnográfica, Geertz se inquieta diante da seguinte questão: “o que dá a nós o direito de estudar a eles?” (2012, p.90).

Se as estruturas de significado das quais dependemos para trilhar nosso próprio caminho na vida estão tão profundamente arraigadas em nós a ponto de influenciar cada percepção, fica difícil perceber como nossos relatos sobre o que os outros sentem, pensam ou falam, não tem como não ser uma imposição orientalista, uma hegemonia cultural, uma dominação simbólica. Descrição é uma forma de poder, pois a representação do outro não é facilmente separável da manipulação do outro.

Assim, é preciso fazer amplas revisões de nossa ideia do que é Antropologia, quais devem ser seus objetivos e o que ela pode realmente alcançar. O centro de massa deve ser a relação entre aquilo que escrevemos e aquilo sobre o que escrevemos. E uma série de possibilidades tem sido sugeridas e contrassugeridas; mas a única coisa que parece certa é que algo mudou. E essas alterações não são meras mudanças conceituais impulsionadas pelo debate teórico. São mudanças no modo como a Antropologia é praticada e impulsionada por alterações concretas em que a pesquisa é conduzida. Pois não só as ideias são as mesmas. O mundo também não é o mesmo. O fim do colonialismo extinguiu aquele privilégio ocidental. Também não se faz mais Antropologia em ambientes resguardados e isolados; pelo contrário: os lugares a serem estudados são intensamente contestáveis. Dentre todas as pressões, exigências, desconfianças existentes nos dias atuais, a mais perniciosa para um possível etnocentrismo se deve ao grande número de especialistas de diversas áreas do conhecimento, que podem desconstruir uma descrição.

O mundo tal como o de hoje permite que haja novas assimetrias decorrentes de tudo, desde a disparidade econômica ao poderio militar mundial. As velhas assimetrias que eram rígidas, fixas, arbitrarias e unilaterais não existem mais. E uma das saídas apresentadas por Geertz para enfrentar esta instabilidade, que se estende a todas as ciências humanas, é aprender a existir num mundo bastante diferente daquele do passado. Só assim será possível dar seguimento às investigações. Ajustar-se a uma confluência de controvérsias engenhosamente concebidas para dificultar a satisfação pessoal é um ótimo meio de se fazer isso.

O ponto de vista que pretende classificar a Antropologia como uma carreira científica, capaz de descobrir as coisas pensadas pelos outros e assim persuadir outras pessoas através de registros passivos dignos de nota, não só não está certo como também é muito limitado. Desde o declínio da crença em um único e soberano método científico, tornou-se difícil separar o que chega à Ciência por parte do investigador daquilo que chega à Ciência por parte do investigado.

A linha-base da *Antropologia Simbólica*, – denominação que, por sinal, não foi atribuída por Geertz e sim por outros e com a qual o próprio Geertz nunca esteve satisfeito, pois sugere que seja apenas uma especialidade ou uma subdisciplina da Antropologia em vez de uma crítica fundamental do campo de si – repousa sobre a redefinição que consiste em situar o estudo sistemático do significado, dos veículos do significado e da compreensão do significado. Consiste em ir mais na direção da abstração científica apresentada por Evans-Pritchard na etnografia sobre os Nuer (EVANS-PRITCHARD, 2007) para articular dados mais complexos do que na direção meramente descritiva presente nos diários de bordo de viajantes ou colonizadores que foi incorporada de forma etnocêntrica por alguns antropólogos.

Fazer da Antropologia uma disciplina hermenêutica ou interpretativa consiste em seguir os fatos num movimento em direção ao significado propriamente dito dos fatos. Essa redefinição provou ser uma revolução abrangente, durável e turbulenta mas, acima de tudo, importante - seja nas relações institucionais e sociais por parte da Antropologia praticada pelos ingleses ou pela valorização das aglomerações de costumes e formas de pensamento focada pela Antropologia americana. A partir desse momento, nenhuma delas tem qualquer relevância, pois as questões não são mais concebidas de uma forma simplista.

Atrás dos Fatos tem um duplo sentido. O primeiro é literal, ao afirmar que se deve perseguir os fatos, algo imperativo para os antropólogos, que devem levar em consideração todo o contexto no difícil exercício de tentar interpretar a grande teia de significados que se constroem. O segundo, por significar uma interpretação posterior, uma análise depois dos fatos.

Geertz coloca as palavras dos subtítulos do livro no plural. Cidades, Países, Culturas, Hegemonias, Disciplinas e Modernidades, foram postas assim, no meu entendimento, para explicitar que não existe algo unitário. Os fatos podem significar coisas bastante diferentes quando aplicados a diferentes questões e por diferentes pessoas em diferentes momentos. *Atrás dos Fatos* é uma obra primordial para a construção de um cientista social. Ela complementa o vasto aporte teórico desenvolvido por Clifford Geertz sobre a importância da interpretação na atividade antropológica. 📌

* Graduando em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). E-mail: rodias@ufrj.br

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

EVANS-PRITCHARD, Edward. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das intuições políticas de um povo nilota**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

TYLOR, Edward Burnett. A Ciência da Cultura. In: CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural. Textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.